



# PELA INTERDISCIPLINARIDADE NOS PROCESSOS CRIATIVOS: corpo e tecnologias digitais em diálogo

MARCELA CAPITANIO TREVISAN

Mestranda do PPGAC/UFBA, sob a orientação da professora Dra. Ivani Santana, e integrante do Grupo de Pesquisa Poéticas Tecnológicas: corpoaudiovisual (GP Poética), coordenado pela citada orientadora. Bacharel em Artes Cênicas (UFSC, 2014). Foi integrante do Grupo de Pesquisa Poéticas do Corpo na Arte, coordenado pela professora Dra. Janaína Trasel Martins. Suas pesquisas e práticas artísticas têm enfoque nas áreas de teatro, dança, performance e audiovisual.

## RESUMO

Entrelaçando vestígios de uma experiência artística da autora, realizada durante a pandemia da COVID-19, com teorias a respeito das crenças defendidas por tecnocratas e tecnófilos, o ensaio constrói uma crítica que traz à luz possíveis precipitações surgidas de tais pensamentos e mostra-se a favor da interdisciplinaridade nas Artes Cênicas como caminho para a criação e realização dentro do período pandêmico. Promovendo atenção especial às artes que carregam consigo aspectos e elementos performativos e digitais, e abordando o corpo e a cognição através do entendimento de *Embodiment*, argumenta-se como as tecnologias eletrônicas e digitais, desde o descobrimento da eletricidade, redimensionaram o ser e o estar do humano no mundo, modificando suas percepções e introduzindo novas metáforas. Utilizando termos e conceitos denominados e desenvolvidos por Ivani Santana – no aprofundamento destas reflexões, focaliza-se no hibridismo do corpo humano com a tecnologia digital como aspecto catalisador para a interdisciplinaridade, encontrando ainda a necessidade de uma nova ontologia para tal arte.

## PALAVRAS-CHAVE:

Artes Cênicas. Interdisciplinaridade. Cognição. Arte digital.

## IN FAVOUR OF INTERDISCIPLINARITY IN CREATIVE PROCESSES: BODY AND DIGITAL TECHNOLOGIES IN DIALOGUE

### ABSTRACT

*Interweaving traces of an artistic experience of the author, made during the COVID-19 world pandemic, with theories about the beliefs defended by technoclasts and technophiles, the following essay builds a critique that brings to light some preconceptions arising from such thoughts and it is in favor of interdisciplinarity in the Performing Arts as a possible way to create and perform within the pandemic period. Promoting special attention to the arts that carry digital and performative aspects and elements, and approaching the body and cognition through the understanding of Embodiment, it is argued how electronic and digital technologies, since the discovery of electricity, have redimensioned the human being in the world, modifying their perceptions and introducing new metaphors. Using terms and concepts developed by Ivani Santana, it focuses on the hybridity of the human body with digital technology as a catalyst for interdisciplinarity, also finding the need for a new ontology for such art.*

### KEYWORDS:

*Performing Arts. Interdisciplinarity. Cognition. Digital art.*



---

## **BASTIDORES:** Me encontro nua, agachada em um

espaço apertado e abafado entre a câmera do meu computador e um *chroma-key*<sup>1</sup> improvisado com um lençol azul enrolado em vários objetos que estão dispostos de forma que fazem com que este permaneça estendido atrás de mim. No chão podem-se ver dois adesivos marcadores de páginas de cores vivas localizando onde meus pés devem estar para garantir o enquadramento certo (o que me faz lembrar as marcas com fitas crepe no chão dos palcos para marcar o ponto iluminado pelo holofote). Ainda em cima da mesa bem ao lado do computador estão um batom vermelho, um cinto preto e um celular com a função “temporizador” em tela.

Dessa forma, estou pronta para dar início a Conferência<sup>2</sup> intitulada *Poéticas de um ano de confinamento*<sup>3</sup> apresentada no XVII ENECULT<sup>4</sup> com o Grupo de Pesquisa Poéticas Tecnológicas: corpoaudiovisual, do qual sou integrante. Desse grupo participaram na apresentação, além de mim, Ivani Lucia Oliveira de Santana (coordenadora do grupo), Sarah Marques Duarte e Luiz Thomaz Sarmento, cada um de suas moradias. No entanto, como forma de uma melhor absorção do que estávamos propondo nessa apresentação, durante a Conferência, utilizamos codinomes: Marcela Capitano Trevisan é “mulher anônima”, Ivani Lucia Oliveira de Santana é “Respirar Ar”, Sarah Marques Duarte é “revolver a terra” e Luiz Thomaz Sarmento é “drag profana” e “pandemona”.

---

# TECNOCLASTAS X TECNÓFILOS

---

Desde que ingressei na área de Artes Cênicas percebi, assim como em outras áreas, dois movimentos opostos em relação às novas tecnologias (neste caso a digital), essas que estavam cada vez mais a adentrar o cenário teatral. De um lado, um grande deslumbramento em relação às possibilidades que esta poderia oferecer, e do outro, uma intensa repulsa (e se é que posso dizer, um verdadeiro temor) destas e de qualquer aspecto

---

**1** Efeito especial, produzido por meios eletrônicos, que consiste em fotografar uma imagem contra um fundo, normalmente azul, que é então substituído por outra imagem, de forma que esse processo de superposição cause um efeito visual de primeiro plano e plano de fundo; *chroma*.” ([Chroma-key | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.chroma-key.com/)).

---

**2** Termo criado pela pesquisadora e professora doutora Ivani Santana, para denominar conferências que são realizadas de forma performativa.

---

**3** A apresentação ocorreu no dia 28 de julho de 2021. Vídeo da apresentação na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=neOrUUdYguc&t=461s>

---

**4** Ocorrido entre 27 e 30 de julho de 2021.



que poderia “profanar” uma sagrada *quarta parede* do teatro clássico europeu, onde incluo descaradamente a arte de performance como um desses aspectos também temidos.

Utilizo a palavra “temor”, pois tal situação me faz pensar a respeito dos mitos perpetuados pelos tecnoclastas<sup>5</sup> e tecnófilos.<sup>6</sup> Enquanto os tecnófilos percebem o corpo como um sistema completamente obsoleto, vendo na massiva incorporação da inteligência artificial, engenharia genética e nanotecnologia por exemplo, a salvação da humanidade, os tecnoclastas temem que, através dessas mesmas incorporações, o mundo seja dominado por robôs que adquiriram consciência e sede de poder.

Concordo com a pesquisadora Ivani Santana quando discorre sobre essas duas concepções em seu livro *Dança na Cultura Digital* (2006): “(...) Vale ressaltar que a situação aqui não se assemelha aos dois lados de uma mesma moeda. O ineditismo e a própria natureza do contexto tornam-no ambíguo e confuso inspirando tanto anseio como horror de ambos os lados” (SANTANA, 2006, p. 21).

Já ouvi algumas vezes pessoas do teatro parecerem acreditar e temer mesmo a substituição total de atores e atrizes por elementos tecnológicos digitais, hologramas ou até mesmo robôs, e outras que veem a arte da performance como um lugar de “qualquer coisa” ou de “falta de técnica e consistência”. Apesar da “rixa”, pode-se dizer que, nos tempos atuais (pelo menos antes da pandemia), a maioria das peças teatrais mistura teatro, performance e a tecnologia digital em algum nível, da qual, através ainda de um balanceamento dessa dose interdisciplinar presente no espetáculo, chega-se a denominações como Teatro Performativo, Teatro Pós-dramático, entre outros, tendo cada modalidade seus devidos conceitos e considerações.

Penso serem relevantes tais colocações, pois, mesmo que a grande maioria dos trabalhos teatrais trabalhem com esses elementos, não parece assim tão óbvia essa condensação e acredito que uma reflexão mais profunda sobre esse aspecto específico se torna necessária como possível saída daquela confusão colocada acima por Santana. Dessa maneira, encontra-se a possibilidade de abrandarmos os prejulgamentos para ambos os lados, refletindo criticamente sobre as transformações dentro dessa área, e finalmente sobre quais possibilidades de se sonhar, pensar e realizar as Artes Cênicas em contexto de pandemia.

---

**5** “Tecnoclasta. O sufixo acrescentado à raiz da palavra tecnologia refere-se a [*klasmo*], ou seja, ação de quebrar, trazendo para o significado do termo os que lhe são contrários, (que quebram) a ideia de tecnologia” (SANTANA, 2006, p. 65).

---

**6** “1. Que ou quem demonstra forte interesse pelos avanços técnicos e tecnológicos ou pelos objetos ou funcionalidades que são resultado desse avanço (ex.: utilizadores muito tecnófilos; o produto era inicialmente usado apenas por tecnófilos, mas agora é de divulgação geral)” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/tecn%C3%B3filo>).



# CENA 3: QUANDO O BATOM VIROU SANGUE

Logo depois de “revolver a terra” e encontrar na sua escavação no jardim de seu condomínio um QRcode, ligo o temporizador que marca em torno de 1’30”. Levanto-me e me posiciono com os pés em cima dos adesivos marcadores, de forma que enquadro uma pequena ponta dos seios, barriga, até quase as partes íntimas, e abro minha câmera que expõe meu corpo feminino branco e, no fundo virtual, uma imagem de terra. O QRcode exposto na câmera de “revolver a terra” nos leva para um áudio no Soundcloud que contém algumas partes do artigo “Filhas ilegítimas da tecnologia digital” (2021), de minha própria autoria e que trata a respeito de algumas estruturas patriarcais colonialistas que foram reforçadas e expostas com a pandemia.

Enquanto o áudio prossegue, sem mexer as partes do corpo que estão visíveis na tela, com uma das mãos, pego o batom vermelho que está ao lado do computador, tiro a tampa e escrevo em minha barriga:

|               |               |
|---------------|---------------|
|               | <b>1005</b>   |
| <b>2020</b>   | <b>+ 15%</b>  |
| <b>2015/2</b> | <b>+ 136%</b> |

Depois de terminada a ação, levo o batom em direção à câmera, passando a impressão de que o batom quer alcançar o espectador.





---

## ESTRUTURAS PATRIARCAIS SÃO EXPOSTAS

---

Como se pôde ver na cena 3, trabalhei com o hibridismo do meu corpo feminino com as tecnologias digitais ao vivo. Através das plataformas de vídeo como o Streamyard e Youtube, e de áudio como o Soundcloud, do uso de QRcodes, webcams, notebook, pude colocar artisticamente meu corpo e voz para problematizar algumas questões, advindas de um sistema patriarcal, que foram reforçadas com a pandemia de COVID-19.



Os números escritos de batom em minha barriga são dados divulgados pela mídia independente AzMina, pelo Colégio Notarial do Brasil – Conselho Federal, e pela diretora para as Américas da Anistia Internacional, Erika Guevara Rosas, no Correio Brasiliense. Trata-se dos números de casos de divórcios, violência doméstica e feminicídio, dentro do período pandêmico. “Pelo menos no Brasil, segundo os dados publicados pela mídia independente AzMina, ‘Entre março e dezembro de 2020, ao menos 1.005 mulheres morreram vítimas do feminicídio, o equivalente a três mulheres assassinadas por dia’”. (LIMA, 2021) Além disso,

A respeito dos divórcios, de acordo com a revista online *TRIP* baseada nos dados levantados pelo Colégio Notarial do Brasil – Conselho Federal, uma entidade que coordena os cartórios do país, ainda ano de 2020 os casos de divórcio aumentaram 15% em relação ao ano anterior. (TREVISAN, 2021)

Contemplando os dados do cenário mexicano, onde surgem ainda outras questões, o Correio Brasiliense relata um aumento de 136% nos casos de feminicídio de 2015 a 2020.

Dados como esses tristemente não deixam dúvidas de que vivemos em um sistema heteropatriarcal colonial que é ferozmente feminicida. Como já apontado acima, ao invés de utilizar meu nome verdadeiro, utilizo ainda o codinome “mulher anônima”, referindo-me a todas as mulheres que, mesmo no anonimato, por conta de sua própria segurança, corajosamente conseguem denunciar seus abusadores e torturadores, promovendo, dessa forma, também um *link* com as vítimas presentes no áudio direcionado no momento da cena.

Diante de tal apresentação, torna-se difícil apontar exatamente em qual categoria artística este trabalho se encaixa. Teatro? Cinema? Dança? Performance? Encontra-se um espaço aberto para novas formas que emergem dessa interdisciplinaridade, para o qual, dentre as várias possibilidades de criação, Ivani Santana sugere, por exemplo, o termo ConferênciaAção, como comentado anteriormente, e que segue em desenvolvimento.

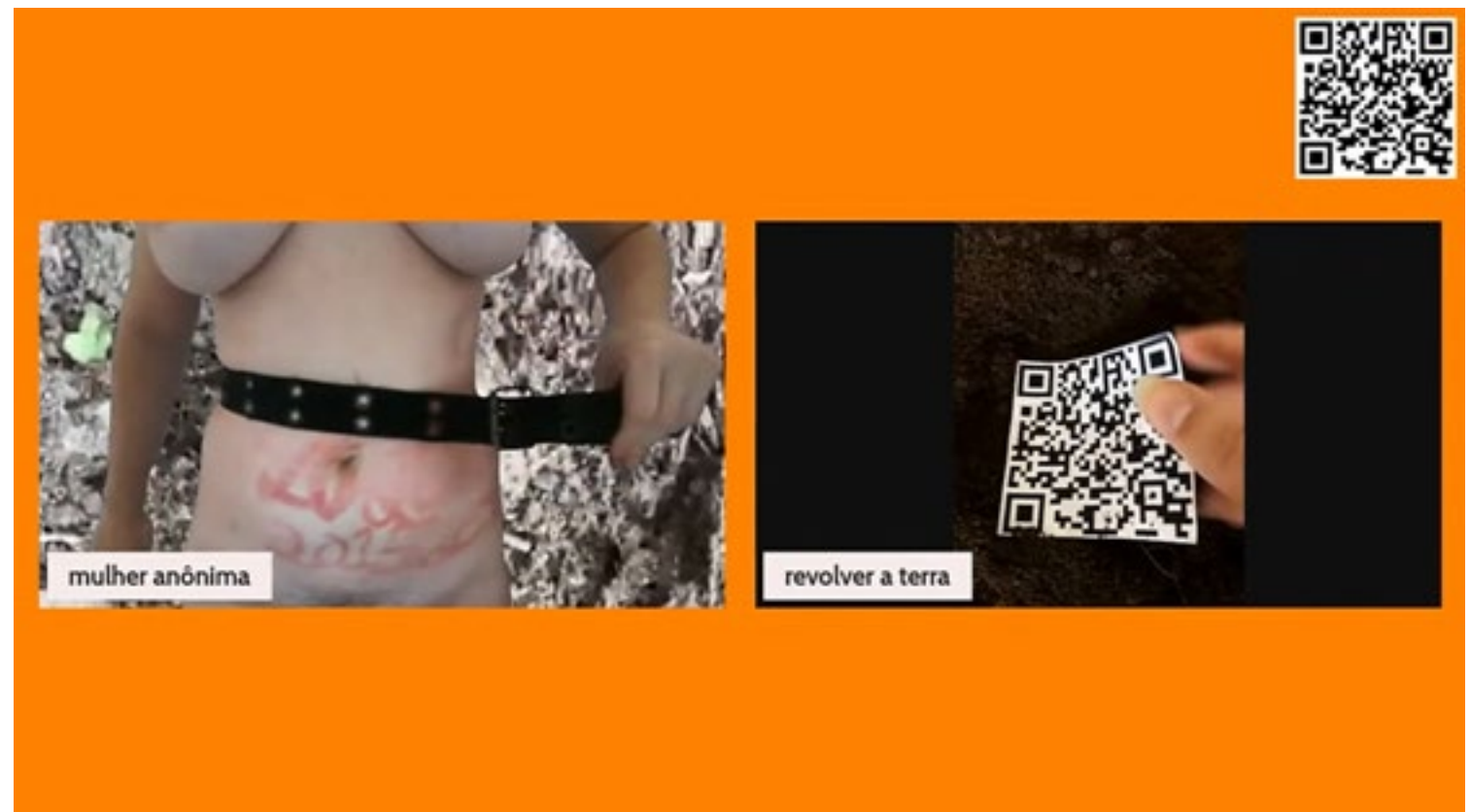


## CENA 9: "ALÔ! É DA POLÍCIA?!"

Novamente seguido da escavação realizada por "Revolver a terra", surge outro QRcode. Torno a me posicionar em pé nas mesmas marcas da minha cena anterior, ligo com uma das mãos o temporizador de agora 2'40" no celular que está ao lado do notebook, pego o cinto preto, que se encontra no outro lado do notebook, e ligo a câmera, que surge com o mesmo fundo virtual com a imagem de terra da cena anterior.

O QRcode leva para outro áudio no Soundcloud, que contém mais algumas partes do mesmo artigo que comentei acima, e mais um áudio de chamadas telefônicas de vítimas de violência doméstica, divulgado pela Polícia Federal de Santa Catarina.

Enquanto o espectador escuta o áudio, desenrolo o cinto e com ele envolvo minha barriga, que permanece com os números escritos em batom. Partindo do furo mais largo, fecho e abro o cinto até que fique o mais apertado possível. Ao mesmo tempo em que realizo essas ações, vou manchando os escritos de batom na barriga com o cinto, passando a impressão de que se transformam em machucados e sangue.







# ÉPOCAS DE CRISE E OS MONSTROS HÍBRIDOS

Peço licença para Santana e abordo a “Metáfora de Frankenstein”, denominada e utilizada por ela para discorrer a respeito das produções que emergem na dança. A pesquisadora se utiliza de tal termo para discorrer sobre as metáforas promovidas pelas configurações artísticas híbridas que, embora tenham surgido com as mídias digitais, tiveram suas primeiras faíscas no momento histórico da invenção da eletricidade.

Através de uma abordagem fundamentada na Perspectiva do *Embodiment*,<sup>7</sup> a autora argumenta que

Temas como a imaginação ou o inconsciente, portanto, deixaram de ser exclusivos da psicologia e da psicanálise para fazer parte de investigações a respeito dos processos de conhecimento. Um movimento que desobedece antigas muralhas que separavam o corpo enquanto objeto da ciência e o corpo enquanto objeto das humanidades. E que chama a atenção para uma questão central: somos aquilo que nossas metáforas nos permitem ser, pois a metáfora interfere na percepção, no entendimento e na ação do homem. (SANTANA, 2006, p. 35 e 36)

Visto que essas invenções foram apenas possíveis de acontecer depois da descoberta da eletricidade, como os telégrafos, o telefone, a televisão, nossas dimensões de espaço e tempo foram totalmente modificadas, reestruturando tanto nosso entendimento e compreensão de nós mesmos e do que nos rodeia, quanto nossas metáforas. Aqui, a figura do Frankenstein alude, então, à imagem dos “monstros”, ciborgues, configurações surgidas do hibridismo artístico do corpo humano com as tecnologias digitais e, dessa forma, as metáforas possibilitadas por essas configurações confrontam através da alteridade de um monstro criado por nós mesmos, por nossas próprias identidades, crenças e ideologias.

<sup>7</sup> Aqui utilizo a explicação do termo presente no livro *Dança na Cultura Digital* (2006), de Santana: “[...] Mente [é] incorporada: Porque os conceitos e a razão derivam e fazem uso do sistema sensoriomotor, a mente não é separada ou independente do corpo”. (Lakoff & Johnson, 1999:555, in SANTANA, 2006, p. 46)



Por sua limiaridade ontológica, o monstro aparece, de forma notável, em épocas de crise, como uma espécie de terceiro termo que problematiza choque entre extremos – como [aquilo que questiona o pensamento binário e introduz uma crise]. [...] o monstro sempre escapou para retornar à sua habitação às margens do mundo (que, mais do que um lócus geográfico, é um lócus puramente conceitual). [...] Uma categoria mista, o monstro resiste a qualquer classificação construída em base em uma hierarquia binária, exigindo, em vez disso, um [sistema] que permite a polifonia, a reação mista (diferença na mesmidade, repulsão na atração) e a resistência à integração [...]. O horizonte no qual os monstros moram pode muito bem ser imaginado como a margem visível do próprio círculo hermenêutico: o monstruoso oferece uma fuga de seu hermético caminho, um convite a explorar novas espirais, novos e interconectados métodos de perceber o mundo. (Cohen, in Silva, 2000:30, in SANTANA, 2006, p. 37)

Nas cenas da Conferência expostas acima, ainda surge o elemento da voz que está gravada em áudio digital como que fazendo parte de um corpo, desse *body*<sup>8</sup> integrante do termo *Embodiment*, ao mesmo tempo criando a imagem de outros corpos.

A professora e pesquisadora Bárbara Biscaro, em sua tese de doutorado *Vozes nômade: escutas e escritas da voz em performance* (2015), traz reflexões a respeito das metáforas do que seria um corpo-voz, ou seja, a unicidade e/ou dicotomia entre o corpo e a voz percebida(s) e executada(s) em performance, em dado momento aprofundando a discussão em torno de uma “verdade da voz” e de conceitos a ela relacionados, como naturalidade e organicidade.

Sob a mesma perspectiva do *Embodiment*, entendida através de Varela (2003) e Lakoff e Johnson (1999), a autora argumenta que “Os conceitos como naturalidade ou organicidade do corpo são definidos através de parâmetros pessoais, culturais ou sociais” (BISCARO, 2015, p. 132).

Biscaro argumenta que outras humanidades e corporeidades da voz dentro da perspectiva da tecnologia trazem consigo novos parâmetros de unicidade e dissociabilidade entre corpo e voz, de forma que, no lugar do som delirante dos que estão prestes a morrer apontados por Alfred Wolfsohn como a *Voz Humana*,<sup>9</sup> se instauram os sons dos mortos que surgem como vozes fantasmáticas nas rádios.

---

<sup>8</sup> *Body*: corpo em inglês. “*Embodiment* = palavra inglesa que significa incorporação, personificação. Como estas palavras em português carregam um entendimento de algo que não pertence ao corpo e é diferente dele, o que não condiz com os pressupostos da teoria, prefiro manter a palavra em sua língua de origem.” (SANTANA, 2006, p. 28)

---

<sup>9</sup> Alfred Wolfsohn, a partir da década de 1930, criou as bases para uma abordagem vocal baseada na ideia de *Voz Humana*. Uma ideia específica de *humanidade* da voz nasceu de uma experiência trágica de Wolfsohn na Primeira Guerra Mundial: ao ouvir as vozes dos soldados feridos e mortos em combate [...] (BISCARO, 2015, p. 154)



Fantasmagorias da contemporaneidade, fenômenos estéticos, éticos e poéticos, as vozes sem corpo reproduzidas mecanicamente, longe de serem necessariamente demonizadas como [aberrações] não naturais (em uma perspectiva unívoca em que o corpo seria a representação da natureza), são fenômenos que fazem parte de nossa cultura. [...] A classificação das vozes cibernéticas, criadas a partir de frequências computadorizadas, abandonam definitivamente os ideais de um corpo orgânico e natural, criando outros paradigmas. (BISCARO, 2015, p. 170)

Relembro também aqui o aspecto um tanto fantasmagórico com que foi percebida, em meados do século XIX, a possibilidade de escritos serem enviados e recebidos instantaneamente numa conversa entre pessoas distantes, por exemplo, ocasionada por correntes elétricas que passavam por fios, tecnologias desenvolvidas, até chegarem nos aparatos e tecnologias digitais mais atuais.

A voz sempre procura o corpo? Como a sombra de Peter Pan, que abandona o corpo que a gera e sai para viver no mundo, uma voz que [escapa] desse corpo a qual pertence é uma das imagens que incide em nossos modos de ouvir as vozes em *performance* na atualidade. O rádio, a televisão e o cinema nos colocam em contato com vozes desaparecidas, incorpóreas e longínquas. Através dele posso ouvir as vozes dos/as mortos/as em uma reconstituição fiel, como se fosse um pedaço de carne que permanecesse eternamente ao alcance de meus ouvidos, de uma materialidade etérea e ao mesmo tempo corpórea, evidenciando outro paradoxo da voz em nossa experiência tecnológica com o mundo. (...) uma incorporeidade vocal com a qual lidamos diariamente. (BISCARO, 2015, p. 171)

Talvez o temor envolvido esteja mesmo dentro dos limites impensáveis que todas essas possibilidades possam alcançar, e sobre as quais, em alguns momentos, confesso, paro para refletir. Porém, me parece que tal assunto se torna menos temeroso e mais leve e lúcido, quando de fato, como alertou Prigogine, procura-se “olhar para o objeto em seu próprio meio, pois em isolamento o objeto perde algo de suas características relacionais” (*apud* SANTANA, 2006, p. 34), permitindo uma reflexão mais livre dos prejulgamentos.



Pode parecer exagero, no entanto, se as pessoas de fato optarem por seguir “de cabo a rabo” o mito de que os robôs irão dominar toda a humanidade, transformando o planeta Terra em um cenário de horror, não é difícil cair nas *Fake News* e nas teorias de conspiração que relatam sobre supostas vacinas que contêm chips de 5G criadas pelos comunistas chineses para controlar mentes e dominar o mundo; sobre a existência de planos arquitetando uma redução populacional por trás da vacinação em massa; ou, ainda, sobre a possibilidade de virar jacaré, se vacinado, como “advertido” pelo atual presidente da república Jair Bolsonaro “o mito”, “o novo Messias”.

Assim sendo, acredito que o hibridismo artístico do corpo com as tecnologias digitais, que surge como uma terceira possibilidade dentro de uma visão binária de disciplinas e categorias, se torna um lugar potente para reinventar modos de pensar, criar, sonhar arte, principalmente em épocas de crise sanitária, econômica, política, ética, moral, existencial, como essa pela qual a humanidade está passando com a pandemia de COVID-19, além dos fatores físicos como o isolamento necessário e a impossibilidade de apresentações artísticas presenciais.

---

## **INTERDISCIPLINARI- DADE COMO SOLUÇÃO E A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA ONTOLOGIA**

Acredito que, mesmo não se tratando do hibridismo com sistemas digitais (apesar de este ter sido o que mais se intensificou com a situação colocada pela pandemia), as Artes Cênicas pedem e escoam para um pensamento e uma forma cada



vez mais interdisciplinares. Não apenas em decorrência das circunstâncias, mas também por se perceber que as dimensões que experienciamos de fato já se modificaram. Essa argumentação, que pode parecer óbvia à primeira vista, mas que, observando-se mais de perto, carrega consigo muitos, dogmas, crenças e mitos.

Se mudamos nossas formas de ser e estar no mundo, modificando nossas percepções ao longo da história, por que não nos desapegarmos de conceitos estabelecidos e colonizados do que é ou deve ser “o teatro”?

Se tomarmos como princípio que o hibridismo do corpo humano com a tecnologia digital pode atuar como aspecto catalisador para a interdisciplinaridade, então os mitos de caráter tanto tecnoclastas quanto tecnófilos, além de serem equivocados, são muito perigosos, podendo interferir quase que inconscientemente na adesão artística por essa proposta que é e tem tudo para ser muito rica inclusive, como argumentado acima a respeito dos monstros híbridos, para confrontar as próprias ideologias dominadoras, de natureza e origem.

Acredito que esses monstros híbridos pertencem à arte digital, como tratada por Margarita Schultz (2009). Sobre essa arte, a filósofa chilena argumenta ainda sobre a necessidade de uma ontologia própria da cibercultura, onde a arte digital possui um papel central pelo fato de, já na sua própria existência, trazer consigo reflexões que caracterizariam sua própria ontologia, como a instabilidade dos fenômenos digitais.

Acima de tudo, o pensamento enfrenta a dificuldade de afinar princípios cognitivos sobre o Cibermundo, em uma relação recíproca conhecimento-fenômeno. A instabilidade desses fenômenos, sua característica mais notória, senão a principal, configura uma dessas dificuldades. A instabilidade traz dificuldades, pois a busca pelo ontológico normalmente é entendida como uma questão de categorização e sistematização. Soma-se a isso a problemática caracterização do tipo de realidade que os fenômenos digitais corporificam: parte atual, parte virtual, parte imaterial, parte presente em suportes materiais e sempre pronta para mutação, devido à sua própria [natureza]. (SCHULTZ, 2009, p. 11, tradução nossa)



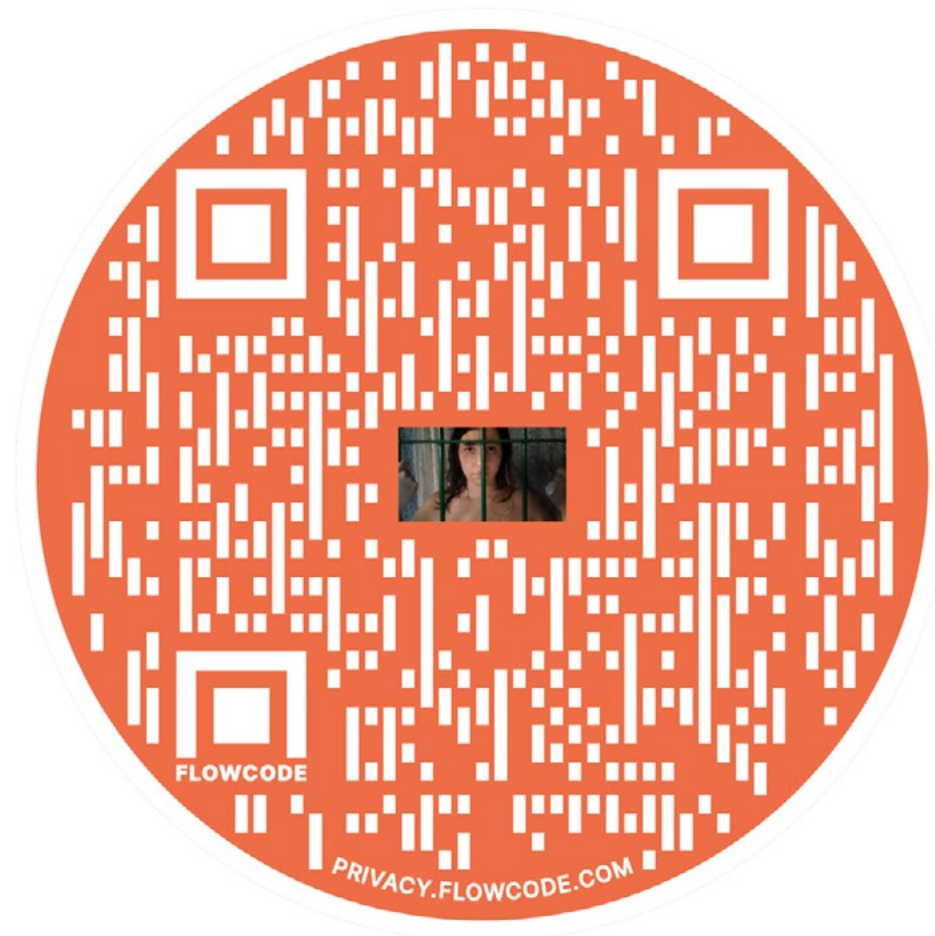


Parece-me, portanto, que a característica de instabilidade e a natureza mutante das artes digitais vão ao encontro, numa maneira potente, da exploração de “novas espirais” e novos “métodos de perceber o mundo”, como citado anteriormente por Santana, mostrando-se também a favor da interdisciplinaridade.

---

## **CENA 11: TRAVESSIAS SORORÍQUIDAS – A CADA MINUTO, DE CADA SEMANA**

---





---

# CENA FINAL: E FECHAM-SE AS CORTINAS

---

“Revolver a terra” enterra seus pés na terra e a webcam é desligada.

## FECHAM-SE AS CORTINAS

Caso necessário, ainda será possível redimensionar os termos e elementos teatrais para os parâmetros desse outro espaço *cyber*, por exemplo, ao chamarmos uma lanterna de iluminação, os cômodos da própria casa de cenário, e o som ambiente (aquele da rua da frente, da construção no vizinho, o latido do cachorro, que não há como controlar) de paisagem sonora. Ao desligar-se todas as webcams no final da apresentação, seguir utilizando a expressão “fecham-se as cortinas”.

---

## REFERÊNCIAS

---

- » BISCARO, Barbara. *Vozes nômade*s: escutas e escritas da voz em performance. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Teatro – Área: Teoria e Práticas Teatrais) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro, 2015.
- » CHROMA-KEY. In *DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa*: Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/AkAm/chroma-key/#:~:text=TV%20Efeito%20especial%2C%20produzido%20por,e%20plano%20de%20fundo%3B%20chroma%20>>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- » SANTANA, Ivani. *Dança na Cultura Digital*. Salvador: EDUFBA, 2006.



- » SCHULTZ, Margarita. *¿Una nueva ontología?: Los derechos filosóficos de la Cibercultura*. Ediciones Departamento de Teoría de las Artes, 2009.
- » TECNÓFILO. In DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/tecn%C3%B3filo>> Acesso em 16 ago. 2021.
- » *TRAVESSIAS Sororíquidas: a cada minuto, de cada semana*. Intérpretes-criadoras: Marcela C. Trevisan, Cá Butiá e Brenda Urbina. Fotografia: Nanam Mattei e Rodrigo Ramos. Edição de vídeo: Rodrigo Ramos e Brenda Urbina, 2020. 1 vídeo (9 min e 14s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8KKizCWDfWI>> Acesso em: 24, abril, 2021.
- » TREVISAN, Marcela Capitanio. *Filhas ilegítimas da tecnologia digital*. In: *XVII ENECULT* (Encontro de estudos multidisciplinares em cultura), julho 2021, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload> Acesso em: 04 set. 2021.